

Entre afetos e afetações: ativismos lésbicos no contexto da pandemia da covid-19

Between affections e affectedness: artivisms lesbians in pandemic context of covid-19

Entre afectos y afectaciones: artivismos lésbianas en el contexto de pandemia de la covid-19

Meg Silva¹
Anahi Bezerra²

Resumo: A conjuntura atual imersa em uma crise sanitária, econômica, política e social, em decorrência da propagação do vírus covid-19 pelo mundo forjou a necessidade de se implantar novos hábitos, dentre eles o isolamento social. Este artigo tem como objetivo apresentar como vem se configurando a atuação de artistas lésbicas ativistas no atual contexto pandêmico que passaram a utilizar as redes sociais como seu principal meio de movimentação artística e política. Assim, nos debruçamos nas produções artísticas de duas artistas lésbicas, a primeira é a maranhense Gê Viana que desenvolve sua pesquisa sobre as corpos consideradas abjetas, produz um trabalho a partir da perspectiva decolonial em que através da fotomontagem promove reflexões acerca da cultura colonizadora hegemônica nas artes. A segunda artista é a recifense Luiza Morgado que através de gravuras evidencia as tramas que envolvem o cotidiano sapatão. Para este artigo direcionamos nosso olhar para a série Trama que esteve presente na programação do festival virtual Conexão Sapatão em 2020 através do perfil do instagram @conexãosapatão. Nas gravuras que compõem a série são autorretratos de momentos vividos pela artista com a sua companheira e com sua filha, que a partir do olhar sapatão utiliza o afeto como uma metáfora de resistência e luta. Nesse sentido, nossa proposta tem as duas produções artísticas como ferramentas para pensar o afeto sapatão como mecanismo de reivindicação da visibilidade lésbica nas artes e nas ruas, bem como é um ato de resistência em tempos de ataque as corpos e sexualidades dissidentes.

Palavras-chave: Pandemia. Ativismo. Mulheres. Lésbicas. Feminismo.

Abstract: The current conjuncture immersed in a sanitary, economic, political and social crisis, as a result of the propagation of the covid-19 virus around the world, has forged the need to implement new habits, including social isolation. This article has as objective present as come been configuring itself the acting of lesbians activists artists in current pandemic contexto that passed to use social networks as their main means of artistic and political movement. So, we focus on the artistic productions of two lesbian artists, the first is from Maranhão Gê Viana that develops her research on bodies considered abject, produces a work from a decolonial perspective in which through photomontage it promotes reflections on the hegemonic colonizing culture in the arts. The second artist is from Recife Luiza Morgado that through pictures evidence the plots that involve the dyke daily. For this article, we direct to look to the series Trama that was present in the programming of the virtual festival Conexão Sapatão in 2020 through the instagram profile @conexãosapatão. The pictures that make up the series are self-portraits of moments experienced by the artist with her partner and daughter, that from the dyke's to

-
- 1 Autora: Meg Silva, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC/UFBA), da Universidade Federal da Bahia. E-mail: megmacedo@ufba.br.
 - 2 Coautora: Anahi Bezerra, doutoranda em psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGPsi/UFPE). E-mail: anahibezerracarvalho1@gmail.com.

look uses affection as a metaphor for resistance and fight. In this sense, our proposal has both artistic productions as tools for thinking about dyke affection as a mechanism for disseminating lesbians in the arts and on the streets, as well as an act of resistance in times of attack on dissenting bodies and sexualities.

Keywords: Pandemic. Activism. Women. Lesbians. Feminism.

Resumen: La situación actual inmersa en una crisis sanitaria, económica, política y social, por la propagación del virus covid-19 en todo el mundo forjó la necesidad de implementar nuevos hábitos, entre ellos el aislamiento social. Este artículo tiene como objetivo presentar cómo se ha ido configurando el trabajo de artistas activistas lesbianas en el actual contexto de pandemia que han comenzado a utilizar las redes sociales como su principal medio de movimiento artístico y político. Así, nos centramos en las producciones artísticas de dos artistas lesbianas, la primera es maranhense Gê Viana que desarrolla su investigación sobre los cuerpos considerados abyectos, produce un trabajo desde la perspectiva decolonial en el que a través del fotomontaje promueve reflexiones sobre la cultura colonizadora hegemónica en el arte. La segunda artista es Luiza Morgado, de Recife, quien a través de grabados muestra las tramas que envuelven el día cotidiano. Para este artículo dirigimos nuestra mirada a la serie Trama que estuvo presente en la programación del festival virtual Conexão Sapatão en 2020 a través de su perfil de instagram @conexãosapatão. Los grabados que componen la serie son autorretratos de momentos vividos por la artista junto a su pareja y su hija, quien desde la mirada bollera utiliza el cariño como metáfora de resistencia y lucha. En este sentido, nuestra propuesta cuenta tanto con producciones artísticas como herramientas para pensar el afecto bollera como mecanismo de reivindicación de la visibilidad lesbiana en las artes y en la calle, como también como acto de resistencia en tiempos de ataque a los cuerpos y sexualidades disidentes.

Palabras clave: Pandemia. activismo. Mujeres. lesbianas Feminismo.

Introdução

Desde 2020 o Brasil vem enfrentando uma grave crise sanitária devido a propagação da COVID-19³, o contexto pandêmico vem produzindo impactos sanitários, sociais, econômicos, políticos sem precedentes principalmente em decorrência da má gestão do governo federal no enfrentamento da pandemia do coronavírus.

Vale destacar que em meio a negacionismos, desvalorização da ciência, descumprimento dos protocolos de contenção sanitária indicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), relativização das mais de 600.000 mortes⁴ por parte do presidente da república nos deparamos ainda com casos de

3 Síndrome respiratória grave causada pelo vírus SARS-CoV-2, teve o primeiro caso datado em 31 de dezembro de 2019 na cidade de Wuhan – China.

4 Este artigo foi finalizado no mês de outubro de 2020, na ocasião o Brasil registrava 603.000 mortes pelo COVID-19. Fonte: [Mortes e casos de coronavírus nos estados | Coronavírus | G1 \(globo.com\)](#)

Entre afetos e afetações: ativismos lésbicos no contexto da pandemia da covid-19

corrupção envolvendo a fabricação de medicamentos ineficazes no combate da COVID-19 bem como da compra de vacinas. E como se não fosse estarrecedor o suficiente estamos diante do que pode ser entendido como o maior escândalo da história da medicina no nosso país frente as denúncias que vem sendo feitas na comissão parlamentar de inquérito (CPI) da pandemia instaurada a cerca de cinco meses⁵.

Diante desta crise sanitária de impactos econômicos e socioculturais diversos setores da sociedade foram afetados de maneiras diversas, neste artigo direcionamos nosso olhar e nossas reflexões especificamente para o setor artístico que embora compreenda uma diversidade de trabalhadores culturais nos voltamos aqui para duas artistas visuais a fim de atender ao nosso objetivo principal que é de apresentar como vem se configurando a atuação de artistas sapatões que no contexto da pandemia passaram a utilizar as redes sociais como principal meio de movimentação artística e política.

De acordo com Miguel Chaia (2007) com a expansão dos meios de comunicação de massa como a internet em meados da década de 1990 possibilitou a ampliação da potencialidade das produções artísticas. Essa circunstância de ocupação do ciberespaço através de ferramentas tecnológicas é apontada pelo autor como um mecanismo bastante utilizado pelos/as artistas ativistas uma vez que no contexto virtual “o espaço e o tempo se reduzem significativamente, propiciando as mais diferentes e inusitadas práticas” (p. 9).

No contexto atual as produções artísticas de muitas pessoas que já exploravam a junção arte-política em suas produções passaram a ocupar os espaços tecnológicos, a equação arte + política + covid-19 + internet + isolamento social = produções artísticas potencializou muitos trabalhos que buscam por meio da arte transformar a realidade, caracterizando-se assim, como uma espécie de arte contestatória.

Nosso artigo buscou nos trabalhos de duas artistas que usam a arte para pensar o afeto sapatão como mecanismo de reivindicação de visibilidade nas artes e nas ruas. A primeira é a maranhense Gê Viana que desenvolve sua pesquisa sobre as corpos consideradas abjetas, produz um trabalho a partir da perspectiva decolonial em que através da fotomontagem promove reflexões acerca da cultura colonizadora hegemônica nas artes. A segunda artista é a recifense Luizza Morgado que através de gravuras evidencia as tramas que envolvem o cotidiano sapatão a partir de autorretratos de momentos vividos pela artista com a sua companheira e com sua filha em que utiliza o afeto como uma metáfora de resistência e luta.

Fundamentação Teórica

5 Fonte: [Caso Prevent Senior é o maior escândalo da história da medicina no país \(redebrasilatual.com.br\)](https://redebrasilatual.com.br)

Nosso objetivo com esse texto é apresentar como vem ocorrendo a atuação de artistas sapatonas que têm utilizado as redes sociais como principal meio de movimentação artística e política devido a realidade posta em decorrência das medidas de contenção sanitária da COVID-19. Para isso, precisamos demarcar o que estamos chamando de ativismo sapatão como sendo uma proposta política e criativa utilizando como argumento central a compreensão da vivência sapatão/lésbica para além das configurações de orientação sexual e/ou práticas sexuais, entendemos a constituição das experiências sapatonas como um posicionamento político de existir no mundo com potencialidade de desestabilizar o modelo cisnormativo⁶ e da heterossexualidade compulsória⁷.

Nesse sentido quando mobilizamos a expressão ativismos sapatão estão aqui demarcados um percurso conceitual que envolve tanto o que entendemos como ativismos como o a proposta de utilização da lesbianidade como enquanto uma dimensão política, assim nas linhas que seguiremos iremos costurar conceitualmente cada termo.

Refletindo sobre o termo ativismo

A utilização do termo ativismo vem sendo mobilizada por autores/as como Chaia (2007) André Mesquita (2008), Alexandre Vilas Boas (2015), Paulo Raposo (2015), Rui Mourão (2015), Roberta Stubbs, Teixeira-Filho e Patrícia Lessa (2018), Leandro Colling (2019), dentre outros/as para se referir as produções artísticas que articulam arte e ativismo político, tais produções utilizam linguagens diversas para construir conexões entre suas propostas artísticas e questões relacionadas aos direitos de segmentos populacionais colocados em situação de vulnerabilidade e marginalização devido as consequências do sistema neoliberal e cisheteronormativo ocidentalizado.

De acordo com Raposo (2015, p.4) “ativismo é um neologismo conceitual” utilizado para estabelecer uma relação entre arte e política que aponta algumas produções artísticas como atos de resistência. “Artivismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística” (RAPOSO, p.4).

6 Conceito utilizado para pensar formações corporais e identificações de gênero naturalizadas e idealizadas, este conceito está entrelaçado com o conceito de cisgênero, ou seja, pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi designado no ato do seu nascimento (Viviane VERGUEIRO, 2015).

7 Adrienne Rich (2012) propõe a ideia de heterossexualidade enquanto uma instituição política que utiliza a heterossexualidade como destino social imposto as pessoas.

Nesse sentido Mesquita (2008) explica em seu trabalho o que ele entende por arte ativista que teria como principal característica o “engajamento direto com as forças de uma produção não-mediada pelos mecanismos oficiais de representação” (p.15), sendo assim a arte ativista tem como compromisso a transformação social desde os processos de criação e circulação das produções artísticas bem como do seu envolvimento com as questões sociais que atravessam o contexto de inserção das mesmas.

Segundo Colling (2019) a utilização do termo ativismo vem sendo feita “de forma pouco crítica, sem apontar os seus potenciais ou limites” (p.13), nesse sentido o autor concorda com a discussão elaborada por Marcelo de Tróí (2018) sobre a necessidade de complexificação do termo ativismo como uma via para refletir sobre seus usos, “o autor não usa a expressão como uma etiqueta ou identidade para determinados artistas, mas para pensar a emergência de produções com determinadas características” (p.13).

De acordo com Tróí (2018) a utilização de termos como artista ativista, arte engajada, artistas acabam por essencializar as produções artísticas colocando-as em moldes estéticos e políticos que determinam o que é ou não é uma produção a(r)tivista⁸. Sendo assim nessa relação entre arte e ativismo é importante refletir sobre os aspectos modeladores dos campos envolvidos nessa equação, bem como na potencialidade de agenciamento da arte que é, ou pode ser, um dos mecanismos de desestabilização de normativas sociais excludentes, “uma preocupação não apenas com as formas de resistência e dissenso, mas sobretudo com as formas das instituições que podem abrigar tais ambições” (ESCHE, 2021).

Nesse sentido, entendemos as produções que articulam arte e ativismo como tendo a potencialidade de borrar as fronteiras normativas de gênero e sexualidade hegemônica através da utilização de linguagens artísticas diversas que por vezes se tornam acessíveis por utilizar ferramentas que dialogam com as significações de mundo e das relações que o constituem. Tais produções artistas “por não estarem fixadas em um formato único, pois são utilizadas formas de comunicação para além da escrita ou fala, se tornam visíveis e visibilizam conteúdos [...]” (Anahi CARVALHO e Benedito MEDRADO, 2021, p. 334).

Lesbianidade política

A lesbianidade como uma proposta teórica e política se constrói pelo enfrentamento da heterossexualidade enquanto norma social e sexual, articulando saberes e práticas criadas individualmente e/ou coletivamente por lésbicas/sapatonas que tensionam a ordem hegemônica

Entre afetos e afetações: ativismos lésbicos no contexto da pandemia da covid-19 de regulação das sexualidades via heterossexualidade compulsória. Buscando promover relações de cooperação entre pessoas dissidentes⁹, pretendem romper como aprisionamento colonial das sexualidades se constituindo assim como uma aposta teórica e política que problematiza as construções ideológicas que impedem o desenvolvimento de mulheres e de suas vivências sexuais (ROJA, 2018).

De acordo com Beatriz Gimeno (2003) é fundamental compreender a heterossexualidade enquanto um regime de regulação que tem implicação em diferentes funções sociais, ou seja, a heterossexualidade é uma ferramenta política de sustentação do sistema patriarcal e cisheteronormativo. A lesbianidade seria assim um mecanismo de quebra normativa que busca uma redistribuição de poder entre as mulheres através da resistência a compulsoriedade da heterossexualidade. Ainda de acordo com a autora, o posicionamento político da lesbianidade não é algo recente, mas vem sendo desenvolvido principalmente a partir do século XX enquanto uma forma de vivência contra-hegemônica.

Nesse sentido é preciso refletir também sobre o caráter político da heterossexualidade e suas implicações no processo de dominação masculina em sociedades patriarcais. De acordo com Ochy Curiel (2013) lésbicas feministas ou feministas lésbicas vem construindo um aporte teórico-político dentro dos feminismos desde a década de 1960 para pensar a heterossexualidade tanto enquanto uma instituição como um regime político de implicações sociais, sexuais e psicológicas para as mulheres principalmente a partir da naturalização e essencialização da sexualidade de mulheres e de processo de reprodução.

A heterossexualidade enquanto instituição política é apresentada por Adrienne Rich (2010)¹⁰ em seu artigo “Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica”. Rich é uma lésbica, feminista, teórica e poeta que analisa em seu trabalho a heterossexualidade como uma instituição político-ideológica que retira o poder das mulheres através de dispositivos como o casamento e a maternidade em que as mulheres atingiriam inteligibilidade somente a partir da sua vinculação ao homem, seu parceiro natural.

Já a heterossexualidade como um regime político é o argumento central do trabalho de Monique Wittig (1992) que no livro “El pensamiento heterosexual y otros ensayos” propõe um alargamento teórico para pensar além da categoria sexo quando falamos em heterossexualidade. Wittig é uma teórica lésbica feminista materialista, logo a autora propõe pensar a partir de um viés materialista a transformação conceitual da heterossexualidade enquanto ação política em

9 Ver Colling (2016).

10 O texto original foi publicado em 1980.

Entre afetos e afetações: ativismos lésbicos no contexto da pandemia da covid-19 que as redes de significados que compõem os discursos sobre a heterossexualidade têm implicações diretas na materialidade dos corpos, criando realidades em que *o pensamento heterossexual* forja categorias universalizantes como homem, mulher, sexo, bem como suas funções sociais e sexuais dentro das relações.

Contudo, tanto Adrienne Rich quanto Monique Wittig apontam para possibilidades de enfrentamento das regulações heterocêntricas. De acordo com Rich (2010) a *existência lésbica* se coloca como ferramenta de ruptura do acesso masculino às mulheres através da heterossexualidade compulsória, tal ferramenta teria no *continuum lésbico* um suporte de fortalecimento das mulheres a partir do resgate das experiências de solidariedade, de cumplicidade, de cooperação bem como a criação de espaços de convivências entres mulheres como meio de potencialização dessas relações. A proposta de Wittig (1992) se fundamenta no entendimento de que o regime da heterossexualidade produz as diferenças sexuais baseadas na categoria de sexo que propõe a natureza biológica como causa para a formação das funções sexuais e consequentemente os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres, nesse sentido a autora sugere uma revisão das categorias universais baseadas nas diferenças sexuais tendo a linguagem como seu principal instrumento de resistência.

Assim, pensar a lesbianidade enquanto uma posição política supõe compreender a heterossexualidade não somente como uma prática sexual mas como um sistema político que (re)produz a não autonomia de corpos dissidentes, mas não só, esse sistema político permite e promove respaldado por leis (morais ou jurídicas) a exploração e violência sobre aqueles que escapam da norma, utilizar a lesbianidade como chave teórica e política tem a potencialidade de provocar rachaduras nas grades do sistema heteronormativo e falocêntrico, fazendo visíveis outras vias para as relações sociais/sexuais uma vez que a lesbianidade é assim uma proposta política de atitude sobre a vida e sobre como se vive fora da co-dependência masculinista.

Artivismo Sapatão: uma proposta política e criativa

A utilização das artes como ferramenta para a prática política pode ser encontrada desde a década de 1960 nas mobilizações e lutas pelos direitos civis da população negra nos Estados Unidos, nas manifestações contra a guerra do Vietnã, e nos protestos estudantis em países que passavam por regimes ditatoriais, como por exemplo o Brasil, e no movimento de contracultura (CHAIA, 2007). Passando pelas décadas de 1970 e 1980, podemos falar sobre as artes da existência no feminismo, que utilizavam linguagens estéticas enquanto práticas de liberdade que expressavam os discursos feministas libertários (RAGO, 2013). E ao chegar nos anos de

Entre afetos e afetações: ativismos lésbicos no contexto da pandemia da covid-19

1990, o cenário se expande devido ao surgimento de novas tecnologias de comunicação em massa e à amplificação da internet, ampliando a potência de ação das produções das artistas políticas, principalmente pela redução significativa do espaço e tempo de compartilhamento, mas também pelas possibilidades de ferramentas tecnológicas de criação artística (CHAIA, 2007).

Contudo é importante destacar que essa conexão entre arte como expressão de outras formas de existência através da desconstrução ou afirmação de símbolos é algo muito presente nas vivências de muitas mulheres lésbicas/sapatonas que compõem as tramas das construções epistemológicas das teorias lésbicas feministas. Muitas lésbicas/sapatonas vêm utilizando diversas linguagens estéticas para desconstruir padrões, questionar formas, e criar possibilidades de ser e/ou estar lésbica, abordando não somente as questões de gênero e sexualidade, mas as conexões entre as práticas sexuais e as questões étnico-raciais e de classe. Temos como uma das características das produções artistas pensar a partir da articulação entre arte e ativismo político maneiras de promover a transformação social através da expressão visual, sonora, performática, entre outras linguagens, que contam histórias na primeira pessoa, há assim uma perspectiva de utilização das linguagens estéticas como atos de resistência, uma vez que nas produções artistas o fazer artístico e político estão interligados intimamente.

Nesse sentido, quando somadas as dissidências sexuais e de gênero as linguagens estéticas ganham status de manifesto contrassexual¹¹, materializando, dando forma, voz, cores e movimentos as experiências que desafiam a heterossexualidade compulsória, criando maneiras outras de ver e viver no mundo, de expressar os desejos sexuais, de visibilizar o prazer como constitutivo do corpo e da subjetividade.

Sendo assim entendemos a arte como ferramenta importante para construção de memórias e para potencialização de transformações sociais e subjetivas, coletivas e individuais, por isso gostaríamos de destacar a invisibilização nas artes como um instrumento de apagamento das vivências de mulheres e das lesbianidades. Assim a arte pode ser um instrumento provocador de questionamentos sobre temas ligados as questões de gênero e sexualidades visibilizando as vivências dissidentes por vezes marginalizadas como as vivências sapatonas.

De acordo com Livia Auler (2018) não é necessariamente um espelho das relações sociais, mas ela se utiliza de representações, bem como pode (re)criá-las, sobre a realidade das sociedades e das pessoas, nesse sentido durante muito tempo se manteve um gênero como

11 Ver Paul Preciado (2015).

Entre afetos e afetações: ativismos lésbicos no contexto da pandemia da covid-19 dominante e soberano no campo das artes sendo entendido como um mito do grande artista que tinha como sujeito exclusivo o homem branco europeu heterossexual. Sendo assim ainda segundo a autora “um dos grandes motivos para a mulher lésbica não ter sido reconhecida como artista e/ou não ter sido devidamente representada dentro da história da arte é, provavelmente, por ela fugir da lógica patriarcal” (p. 127).

Contudo, as produções artísticas sapatonas ou mesmo aquelas que mobilizam as lesbianidades como intercessoras de suas obras provocam uma abertura política e social para discussões diversas sobre as representações criadas sobre os corpos e as possibilidades de existências e práticas sexuais que por vezes vem sendo naturalizadas a partir da perpetuação de um discurso cisheteronormativo. Artistas como Luiza Morgado e Gê Viana tem a potencialidade de produzir deslocamentos tanto no campo das artes contemporâneas como no campo dos estudos de gênero e sexualidades, pois ao mobilizarem o afeto sapatão como mecanismo de visibilidade tensionam as conformidades de gênero e sexualidades nos contextos por onde circulam.

Trama



Figura 1 - Autorretrato 02, Luiza Morgado, 2020

#PraTodoMundoVer Luiza Morgado com sua companheira, em seu quarto residencial, fazendo amor em uma posição de sexo oral na sua cama.

Em 2020, a artista Luiza Morgado, foi convidada para realizar uma exposição que abordasse o afeto em meio a uma pandemia no instagram do Conexão Sapatão. A artista aceitou o convite e produziu uma série denominada de Trama. Ela relata que esse nome se deu em decorrência de ser um trabalho que se objetivou fazer uma teia de conexões dos cotidianos de mulheres lésbicas. A artista afirmou, que: “decidi nomear o projeto de Trama, com referência ao poema “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto” (Luiza MORGADO, 2020, p. 27)¹².

Esta gravura foi construída por meio da técnica de linoleogravura que consiste em recortar uma imagem com linóleo e depois colocá-la em uma base de madeira, essa arte é muito semelhante com a xilogravura. Em razão da produção de gravuras ser uma arte muito dispendiosa, a linóleo é uma alternativa mais barata e que não perde qualidade, por isso, Luiza Morgado optou por esse artifício.

O que de início arremata e toma a atenção de quem observa a gravura é o cotidiano em torno da imagem, o que poderia suscitar em uma impressão erótica, pois é uma cena sexual entre a artista e a sua namorada torna-se em segundo plano. Isso se traduz através dos objetos que se encontram presentes, como a princípio os olhares se voltaram para o que se encontrava pelo chão do quarto, posteriormente, notou-se que o que se via se tratava de uma imagem refletida no espelho, o que Luiza Morgada confirmou ao relatar no seu Trabalho de Conclusão de Curso: “O cenário é o meu quarto visto por um espelho, da cama. Podem ser vistos calendário, banco, bolsa, tênis, celular, desenhos, adesivos e plantas que existem e que simbolizam algo para mim” (MORGADO, 2020, p. 09).

Há, também, um retrato que corrobora para um ato político, percebe-se um adesivo do símbolo feminista e na bolsa o símbolo lésbico, o que induz ter sido intencional, no entanto, atravessa pela fé da artista, já que igualmente tem um adesivo que está escrito santa Clara. A gravura permitiu que se transportasse para dois quadros, o primeiro plano em que se encontra a namorada entregue ao prazer e o segundo plano que mostra a cena de sexo oral e a decoração do quarto, como se fosse um quadro dentro de outro quadro, sendo permissivo a leitura até em separado. No entanto, o sexo não choca, não se traduz como erótico, a leitura é de afeto e carinho uma com a outra, o que sublinha a fala da própria artista que disse ter tido o intuito de transpassar justamente o amor entre duas mulheres longe do voyeurismo masculino.

a ideia de voyeurismo em relacionamento/sexo lésbico é muito comum e fortalece a percepção de que até em produções que trazem a temática “lésbica” o protagonismo é masculino: o espectador esperado é homem. Muitas vezes é a ele que se intenciona satisfazer. Assim, o olhar sobre os corpos femininos é um olhar predador. Mulheres mais uma vez sendo objetificadas e expostas para o prazer masculino (MORGADO, 2020, p. 03).

12 Ver instagram @conexãosapatão



Figura 2 - Autorretrato 02, Luiza Morgado, 2020

#PraTodoMundoVer Luiza Morgado cortando as unhas ao lado da sua parceira, em seu quarto residencial, ela encontra-se sentada em uma cadeira.

Nesta imagem o que arrebatou a princípio foi a curiosidade de saber o que estava escrito no quadro em cima do cômodo, foi aplicado o zoom para tentar decifrar, mas o que se apreendeu foi: “Eu queria tamine mas tô chorani”. Depois de ter provocado a leitura atenta de toda a cena, procurou-se em seu TCC se ela abordava a respeito, porém a artista não revela a frase, apenas diz: “a tela de serigrafia com uma frase que é piada interna é simbólica” (MORGADO, 2020, p. 13).

Percebe-se que a imagem se encontra em um cenário diferente da anterior, pensamos que fosse a sala da casa, mas Luiza Morgado diz que é do seu ateliê, o que igualmente nos faz entrar no mundo da artista. Para além de conhecer sua intimidade com a namorada, nos é apresentado sua vida como um todo, e sempre com a atmosfera do dia a dia. A namorada de Luiza Morgado se mostra de uma forma descontraída, fazendo as unhas, assim como parte da perna da artista está à vista. A expressão corporal de ambas é de descontração, um momento de relaxamento e descanso entre as duas.

Série Sapatonas

A artista maranhense Gê Viana iniciou a série Sapatonas no ano de 2018 nas ruas, porém em 2020 ela realizou uma sequência de fotos em seu instagram¹³. O trabalho da artista consiste em fotomontagens das quais ela utiliza fotografias antigas, em preto e branco, de outras fotógrafas e fotógrafos, as recorta e cola fotos de casais de mulheres que amam mulheres. Ela também captura fotografias de casais lésbicos e gays para reproduzi-las. Sobre a sua maneira de trabalhar, Gê Viana afirma: “A série “Sapatona” percorre um ambiente em preto e branco, nostálgico, amoroso, compondo um universo de cores... a sociedade precisa aceitar nossos corpos num ato amoroso em público e isso tem que ser naturalizado!” (Gê VIANA, 2020, p. 02).

Gê Viana igualmente declara que sua arte parte de uma perspectiva decolonial, por se tratar de corpos abjetos, considerados marginais e feitos para não serem amados. O amor lésbico é muito pouco retratado, sofre historicamente com o apagamento e a invisibilidade, em decorrência da colonização e dos valores eurocêtricos perpetrados na sociedade brasileira. Em verdade, somos resultados de uma política colonial baseada na violência desde à época Brasil colônia nosso povo foi atacado, houve de fato um genocídio dos povos originários e com isso, também a imposição de uma “cultura” embasada no cristianismo e na higienização social.



Figura 3 - Gê Viana, Sem título, 2020

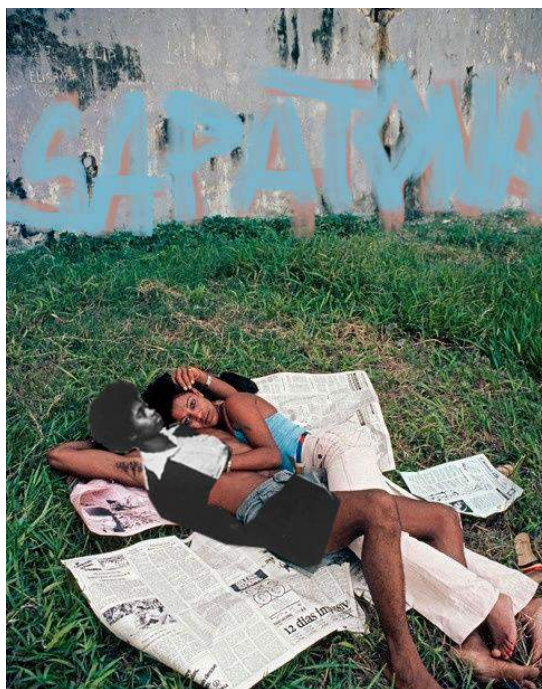
#PraTodoMundoVer do lado esquerdo há duas mulheres, a da frente abraça e beija a bochecha da que se encontra atrás, do lado direito duas mulheres se abraçam, as quatro mulheres são recortes de fotografias e estão coladas em um muro, há uma legenda com a seguinte frase escrita: a gente só quer Amar.

13 Essa foi uma interpretação a partir da análise do instagram da artista, porém essa informação não foi confirmada pela artista.

A legenda dessa fotomontagem está escrita essa frase: “A gente só quer amar, sarrar, ficar, se curtir... amor sapatão” (VIANA, 2020). A artista põe em evidência o afeto entre as mulheres que amam mulheres, assim como ela mesma afirma que essa é a proposta principal da sua arte. Além da legenda no instagram que ratifica a mensagem visual há escrito na imagem: “a gente só quer Amar”. Nota-se que a palavra Amar está com o A maiúsculo o que intensifica duplamente o amor sapatão que grita em seu trabalho. Ela mesma afirma, que: “Sapatona está nesse lugar do corpo em liberdade, corpos que se cruzam, se saram, queremos estar bem nesse mundo e, a todo momento, estar vivos e amando” (VIANA, 2020, p. 02).

O abraço se faz presente, o que é uma parte muito sensível do olhar da artista, já que estamos vivendo uma pandemia em que dentre suas medidas mais eficazes é o isolamento social. Pessoas tiveram que se afastar dos seus familiares, amigos e amores, para manter o distanciamento e evitar a propagação do vírus da doença covid-19. Com isso, em vista desse cenário desolador, com palavras tristes, em verdade, é que o abraço se tornou criminoso. Para além de curar os corpos feitos para não serem amados, ressaltando que sim, nós mulheres sapatonas podemos amar sim, a fotografia atravessa como um respiro e um afago na alma dentro desse contexto perverso que estamos vivenciando. O amor e o afeto parecem saltar desse quadro de pixels para nos abraçar.

É importante ressaltar que Gê Viana trabalha bastante com formas geométricas, o que parece ser proposital, haja vista que a artista manuseia recortes e colagens, esteticamente transmite essa ideia de bricolagem. E a cor que ela usa nos triângulos recortados é o rosa, uma cor que no imaginário social traduz amor e há um coração com uma espécie de fagulha de fogo (aumentamos o zoom e olhamos várias vezes para identificar se era isso mesmo, ainda sem certeza, mas preferimos colocar, pois foi e é assim que essa imagem nos afeta).



Gê Viana, Sapatona_colagem digital, 2020

#PraTodoMundoVer há duas mulheres deitadas na grama em cima de folhas de jornal que se abraçam, há a palavra sapatona pintada da cor azul na parede ao fundo.

Nesta imagem a legenda que Gê Viana escreveu em seu instagram foi: “Sabe quando a gente fica horas se cheirando, as nossas pernas escorregando até o calcanhar? Pois é, doce é o teu sorriso entre o reflexo da água menina eu te amo tem cheiro de mato em ti!!!” Uma forma de declaração de amor, o que faz nos levar para outros lugares, para além de uma fotografia. A junção entre texto e imagem traduz como se fosse uma narrativa, duas mulheres apaixonadas, e uma delas fala sobre seu amor, como se fosse uma imagem fotográfica encenada, muitas fotógrafas e fotógrafos recorrem a essa estética na fotografia, neste caso, em específico, o que ocorreu não foi uma foto capturada de uma ação teatralizada, mas a colagem e a legenda textual que sugerem uma encenação.

Essa forma que a imagem se apresenta nos instiga a observar as expressões corporais das pessoas que se encontram nesse retrato. Percebe-se que uma das mãos da mulher sapatão toca um dos seios da sua mulher amada, enquanto a amante faz carinho em sua cabeça. Há também uma estética feminista, pois a Gê Viana não retirou os pelos da axila e das pernas de uma das sapatões. Mais uma vez, a escrita está presente até mesmo como forma de resistência e potência, haja vista que a palavra sapatona foi pintada da cor azul no muro que aparece como o fundo da fotomontagem.

As fotomontagens da Gê Viana possuem uma estética que rompe com as estruturas coloniais e eurocêntricas, colocar mulheres sapatões no centro das suas artes, ainda evidenciar o amor entre mulheres, é causar revolução. A artista rasga com os contratos heteronormativos, principalmente quando

Entre afetos e afetações: ativismos lésbicos no contexto da pandemia da covid-19 faz o processo de deserotização do afeto entre mulheres sapatões, marcado por um estranhamento quando se refere aos corpos masculinizados e ao voyeurismo erótico masculino quando se trata dos corpos que performam a feminilidade.

O abraço e o afeto

Gê Viana, Sem título, 2021



#PraTodoMundoVer do lado esquerdo há duas mulheres se abraçando, há várias caixas de som ao fundo e do lado direito há duas mulheres se abraçando e aparece ao fundo um recorte de uma caixa de som da cor branca.

Essas imagens foram selecionadas, pois elas retratam o que este artigo pretendeu evidenciar: o abraço e o afeto em tempos de pandemia. Um simples gesto de carinho – o abraço, tornou-se em um ato criminoso, haja vista que todas as pessoas até que a propagação da covid-19 se estabilize, não podem se abraçar e/ou ter qualquer espécie de contato físico. Neste exato momento, que este trabalho está sendo escrito, as vacinações estão avançando, segundo dados do Ministério da Saúde, 62,5% dos brasileiros já foram imunizados com as duas doses da vacina ou com o imunizante de dose única. Porém, ainda é preciso manter as medidas de segurança e o abraço ainda faz muita falta.



Luiza Morgado, Autorretrato 04, 2020

#PraTodoMundoVer Luiza Morgado, sua companheira e filha sentadas no degrau da porta do ônibus, a sua filha encontra-se no colo da sua companheira e a Luiza Morgado segura as mochilas.

Segue abaixo os que as artistas escreveram sobre essas duas artes em específico:

“Queimando em febre eu dedico toda a saudade que estamos sentindo de um abraço quente suado chapado, falta sete meses pro ano acabar e a sensação é de querer correr nesse abraço registrado por Carles Solís em 1995, aqui no Maranhão ao som de um bom reggae, esse momento e de um prazer tão profundo. Impedida de ver meu amor a saudade me faz rasgar um disco que foi lançado esses dias “eu gosto de garotas” e consequência me faz decepar a energia masculina do boy que aqui jaz e projetar essa Sapatona um tanto andrógena. J.M.M. 2021. Na segunda imagem mulher iorubá da Nigéria NG NG 1970. De Eliot Elisofon” (VIANA, 2021).

“Na foto, nós três estávamos sentadas no degrau da porta do meio do ônibus, todas bem cansadas. Raquel segurava Nara, eu segurava as mochilas. Tentei demonstrar isso na gravura. O afeto construído por elas duas é visível nessa fotografia, de acolhimento e segurança” (MORGADO, 2020).

Considerações finais

É uma tarefa muito árdua tentar captar as intenções das artistas, pois ao elaborar este artigo partimos da premissa que a arte perde sua áurea quando há tentativas de adivinhá-la, por isso, a nossa metodologia consiste em abordar como as produções imagéticas dessas duas artistas nos atravessaram. Roland Barthes fala do *punctum* para descrever suas sensações quando se sente afetado por uma fotografia, foi a partir desse conceito que faz alusão ao que é pungente que iniciamos as análises das fotografias. Ao decorrer da escrita, também utilizamos o rigor científico, o que coaduna com o outro conceito barthiano – o *studium*, que se refere fazer uma espécie de estudo mais elaborado sobre suas afetações provocadas pela imagem.

Como se trata de uma produção acadêmica que dialoga com as nossas pesquisas sobre ativismos, a arte quando se soma a política, consegue produzir efeitos diversos nas espectadoras e nos espectadores. A depender dos signos que se articulam, a arte torna-se em um ato político, neste caso em especial, a transgressão é feita através do afeto, os abraços nessas imagens são revolucionários. Primeiro porque se trata de mulheres e segundo do amor sapatão, em um mundo que ensinam as mulheres o auto ódio e, conseqüentemente, se odiarem, como bem relata Adrienne Rich com o continuum lésbico, amar outras mulheres é subversão. Nosso artigo, portanto, é sobre isso: a arte como resistência e ressignificação das existências lésbicas.

REFERÊNCIAS

AULER, Livia Bittencourt. *Histórias de resistência e (in)visibilidades: A artista lésbica como protagonista na construção de imagens de mulheres que amam mulheres*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Porto Alegre, 2019.

CARVALHO, Anahi. MEDRADO, Benedito. Ativismos lésbicos e produção de subjetividades como objeto de pesquisa. In. ANDRADE, Bruna Irineu et al (ORGs.). *Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências*. Campina Grande: Realize Editora, p. 324-338, 2021.

CHAIA, Miguel W. Ativismo – Política e Arte Hoje. Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política. *Ativismo - Política e Arte Hoje*, n. 1, p.9-11, 2007.

COLLING, Leandro. *Artivismos das dissidências sexuais e de gênero*. Leandro Colling (Org.) - EDUFBA: Salvador, 2019.

COLLING, Leandro. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. *Sala Preta*, 18(1), 2018, p.152-167.

CURIEL, Ochy. *La Nación Heterosexual. Análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación*. Brecha Lésbica- en la frontera, Bogotá, 2013.

GIMENO, Beatriz. *Una aproximación política al lesbianismo (des)construção social da sexualidade*. 2003. Disponível em: <https://beatrizgimeno.es/2013/01/24/una-aproximacion-politica-al-lesbianismo-2/#more-2841>.

MESQUITA, André Luiz. *Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva (1990-2000)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MESQUITA, André; ESCHE, Charles; BRADLEY, Will. *Arte e Ativismo: antologia*. MASP – Museu de arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Afterall. 2021.

MORGADO, Luiza. *Trama: resistência sapatão*. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso – Curso Técnico em Artes Visuais) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Olinda, 2020.

MOURÃO, Rui. Performances artivistas: incorporação duma estética de dissensão numa ética de resistência. *Cadernos de Arte e Antropologia*. v.4. n.2. p.53-69, 2015. Disponível em: [cadernosaa-938.pdf](#).

PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RAPOSO, Paulo. "Artivismo": articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v.4, n.2, p.3-12, 2015. Disponível em: [“Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências \(openedition.org\)](#).

RICH, Adrienne. A heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. *Revista Bagoas*, n.05, p.17-44. 2010. Disponível em http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf.

ROJA, Z.O. Ética lésbica criativa e atrativa. Tradução Pâmela Maria. 2018. Disponível em: <https://cirandabruta.noblogs.org/page/2/>.

STUBES, Roberta. TEXEIRA-FILHO, F.S. LESSA, Patrícia. Artivismo, estética feminista e produção de subjetividade. *Revista Estudo Feministas*, Florianópolis, v.26, n.2, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n238901>.

TRÓI, Marcelo de. *Corpo dissidente e desaprendizagem: do Teat(r)o Oficina aos Artivismos Queer*. 2018. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes, e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

VIANA, Gê. Ensaio Virtual: série sapatona. *Revista Logos*. N. 1, v. 27, n. 1, p. 169-182. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/51524>.

WITTIG, M. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Tradução Javier Sáez e Paco Vidarte. Editorial EGALES, 2006. Disponível em: <https://heresialesbica.noblogs.org/biblioteca-2/>.

VILAS BOAS, Alexandre. *A(r)tivismo: arte+política+ativismo – sistemas híbridos em ação*. 205. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2015.